

RICHARD OSMAN

O último
DIABO
A MORRER

Tradução
Carmen Saraiva

 Planeta



Para Fred e Jessie Wright, com amor e gratidão.
Serão sempre o início da minha história.

Quinta-feira, 27 de dezembro, 23h00

Kuldesh Sharma espera estar no lugar certo. Estaciona ao fundo da estrada de terra batida, totalmente cercado por árvores, um cenário mórbido na escuridão.

Por volta das quatro da tarde tinha finalmente tomado a decisão, sentado nas traseiras da sua loja. A caixa estava pousada na mesa à sua frente e o rádio tocava Mistletoe and Wine.

Fez dois telefonemas e agora aqui está.

Desliga os faróis do carro e fica na completa escuridão.

É um risco do caraças, isso é certo. Mas ele tem quase oitenta anos, não há melhor momento para correr riscos. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Apanharem-no e matarem-no?

Irão fazê-lo, sem dúvida, mas será isso assim tão mau?

Kuldesh pensa no seu amigo Stephen. Em como ele está agora. No quão perdido, no quão calado, no quão diminuído está. Será esse o futuro que o espera? O que eles se divertiam, todos. A algazarra que faziam.

Para Kuldesh, o mundo começa a tornar-se um sussurro. A mulher já se foi, os amigos começam a definhar. Ele sente saudades da agitação da vida.

E de repente entra na loja aquele homem com a caixa.

Ao longe é possível ver um ténue reflexo de luzes através das árvores. Ouve-se o barulho de um motor no silêncio da noite. Começou a nevar, e ele espera que a viagem de regresso a Brighton não seja muito perigosa.

Outro carro aproxima-se e um feixe de luz trespassa o vidro traseiro do carro.

Bum, bum, bum. Lá está aquele velho coração. Quase se esquecera de que ele existia.

Kuldesh não tem consigo a caixa. Mas está bem segura, e isso mantê-lo-á a ele seguro, por agora. É o seu trunfo. Ainda precisa de ganhar algum tempo. E se conseguir, bem, então...

Os faróis do carro que se aproxima refletem-se nos espelhos retrovisores e depois apagam-se. As rodas imobilizam-se, o motor para e tudo volta a ser escuridão e silêncio.

Vamos a isso, então. Será que deve sair do carro? Ouve uma porta a fechar e passos na sua direção.

A neve cai agora com mais intensidade. Quanto tempo levará isto? Terá de dar explicações sobre a caixa, claro. Algumas garantias, mas, depois, espera ele, estará de regresso antes que a neve se transforme em gelo. As estradas vão estar péssimas. Pergunta-se se...

Kuldesh Sharma vê o clarão do tiro disparado, mas já está morto antes de poder ouvir o barulho.

PRIMEIRA PARTE

ENTÃO, O QUE ESPERAS?

1

*Quarta-feira, 26 de dezembro,
hora do almoço (mais coisa, menos coisa)*

– Cheguei a casar com uma mulher de Swansea – diz Mervyn Collins. – Ruiva e tudo.

– Estou a ver – diz Elizabeth. – Cheira-me que deve ser uma história e tanto.

– História? – Mervyn abana a cabeça. – Não, nós separámo-nos. Sabem como são as mulheres.

– Sabemos, Mervyn – diz Joyce, cortando um pedaço de pudim de York. – Sabemos.

Silêncio. E não é, segundo a análise de Elizabeth, o primeiro momento de silêncio desta refeição.

É o dia a seguir ao Natal, e o grupo, juntamente com Mervyn, está no restaurante de Coopers Chase. Todos exibem na cabeça as coroas de papel coloridas que os *crackers*¹ de Natal trazidos por Joyce continham. A coroa de Joyce é demasiado grande e ameaça transformar-se numa venda a qualquer momento. A de Ron é demasiado pequena e o papel crepe cor-de-rosa está justo nas têmporas.

– Tens mesmo a certeza de que não queres um pouco de vinho, Mervyn? – pergunta Elizabeth.

¹ *Christmas crackers* são tradicionalmente usados na decoração da mesa de Natal e produzem um estalido quando abertos. Costumam conter um pequeno brinde, um chapéu de papel e uma anedota. (*N. da T.*)

– Álcool ao almoço? Não – diz Mervyn.

O grupo passara o Natal em separado. Este tinha sido particularmente difícil para Elizabeth, ela tinha de admitir. Tinha esperança de que o dia pudesse despoletar algo, dar ao seu marido Stephen um sopro de vida, algum discernimento, alimentado por memórias de Natais passados. Mas não. O Natal era só mais um dia comum para Stephen. Uma página em branco no final de um velho livro. Estremece só de imaginar o que os esperará no ano seguinte.

Combinaram encontrar-se no restaurante para o almoço do Boxing Day, o dia a seguir ao Natal. À última hora, Joyce perguntara se seria simpático convidar Mervyn para se juntar a eles. Mervyn já vivia em Coopers Chase há alguns meses e até agora mostrara alguma dificuldade em fazer amigos.

– Ele está sozinho neste Natal – tinha dito Joyce, e todos concordaram em convidá-lo. «Bem lembrado», dissera Ron, e Ibrahim acrescentara que se havia algo que Coopers Chase podia evitar era que as pessoas se sentissem sós no Natal.

Elizabeth, por sua vez, aplaudiu a grandeza de espírito de Joyce, enquanto reparava que Mervyn, de certos ângulos, tinha aqueles traços agradáveis à vista que deixavam Joyce rendida. O sotaque galês rude, as sobrancelhas escuras, o bigode e o cabelo branco. A cada dia que passa, Elizabeth fica mais ciente do tipo de homem que atrai Joyce, e qualquer «carinha minimamente laroca» parece servir. «Parece um vilão de telenovela», segundo Ron, e Elizabeth aceitou de bom grado a opinião do amigo.

Até agora já tentaram conversar com Mervyn sobre política («não é a minha praia»), televisão («não vejo») e casamento («cheguei a casar com uma mulher de Swansea», etc.).

O prato de Mervyn chega à mesa. Tinha recusado o peru, e a cozinha acedeu em fazer-lhe gambas e batatas cozidas.

– Fã de gambas, estou a ver – diz Ron, apontando para o prato de Mervyn. Elizabeth tem de reconhecer o seu esforço em tentar arranjar assunto.

– Às quartas-feiras como gambas – confirma Mervyn.

– É quarta-feira? – diz Joyce. – No Natal fico sempre baralhada. Nunca sei que dia é.

– É quarta-feira – confirma Mervyn. – Quarta-feira, 26 de dezembro.

– Sabiam que «gambas» é plural? – diz Ibrahim, com a sua coroa de papel elegantemente assente de lado. – O singular é «gamba».

– Já sabia, sim – diz Mervyn.

Elizabeth já lidou com pessoas mais difíceis do que Mervyn ao longo dos anos. Uma vez teve de interrogar um general soviético que não pronunciara palavra durante os mais de três meses de detenção, e no espaço de uma hora já estava a cantar canções do Noël Coward com ela. Joyce tem feito avanços em relação a Mervyn já há umas semanas, desde o fecho do caso Bethany Waites. Até agora descobriu que ele já foi diretor de uma escola, que já foi casado, já teve três cães e que gosta de Elton John, mas não é assim tanta coisa.

Elizabeth decide tomar as rédeas da conversa. Às vezes é preciso ressuscitar o paciente à custa de choques elétricos.

– Então, fora a nossa amiga misteriosa de Swansea, como estás de amores, Mervyn?

– Tenho uma amiga especial – diz Mervyn.

Elizabeth repara que Joyce ergue subtilmente a sobrancelha.

– Que bom para ti – diz Ron. – Como se chama ela?

– Tatiana – diz Mervyn.

– Que nome lindo – diz Joyce. – Mas é a primeira vez que ouço falar nela.

– E onde passou ela o Natal? – pergunta Ron.

– Na Lituânia – diz Mervyn.

– Uma das Joias do Báltico – diz Ibrahim.

– Não sei se já a vimos por Coopers Chase, vimos? – pergunta Elizabeth. – Desde que te mudaste para cá?

– Tiraram-lhe o passaporte – diz Mervyn.

– Minha nossa – diz Elizabeth. – Que chatice. Quem foi?

– As autoridades – diz Mervyn.

– Pois, não me surpreende – diz Ron, abanando a cabeça. – Raio das autoridades.

– Deves ter muitas saudades – diz Ibrahim. – Quando foi a última vez que a viste?

– Ainda não nos conhecemos pessoalmente – diz Mervyn, raspando molho tártaro de uma gamba.

– Ainda não se conhecem? – pergunta Joyce. – Isso parece invulgar.

– Foi só pouca sorte – diz Mervyn. – O voo dela foi cancelado, depois roubaram-lhe dinheiro e agora ficou sem passaporte. O amor verdadeiro nunca corre de feição.

– Verdade – concorda Elizabeth. – Nunca corre.

– Mas – diz Ron –, assim que ela recuperar o passaporte, vem para cá?

– É essa a ideia – diz Mervyn. – Está tudo sob controlo. Já enviei algum dinheiro para o irmão dela.

O grupo anuiu enquanto se entreolhavam e Mervyn comia as suas gambas.

– Só por curiosidade, Mervyn – diz Elizabeth, ajeitando ligeiramente a sua coroa de papel –, quanto dinheiro lhe enviaste? Ao irmão?

– Cinco mil – diz Mervyn. – Enfim. Na Lituânia há imensa corrupção. Toda a gente suborna toda a gente.

– Não fazia ideia – diz Elizabeth. – Já fui muito feliz na Lituânia. Pobre Tatiana. E o dinheiro que lhe roubaram, também foste tu que enviaste?

Mervyn anui.

– Enviei, e o pessoal da alfândega ficou com ele.

Elizabeth enche os copos dos amigos.

– Bom, estamos ansiosos por conhecê-la.

– Muito – concorda Ibrahim.

– Mas, estava aqui a pensar – diz Elizabeth –, da próxima vez que ela te contactar, avisas-me? Conheço quem talvez possa ajudar.

– A sério? – pergunta Mervyn.

– Claro – diz Elizabeth. – Passa-me as informações. Antes que tenhas mais azares.

– Obrigado – diz Mervyn. – Ela é muito importante para mim. Já há muito tempo que ninguém me dava atenção.

– Mas eu fiz-te muitos bolos nestas últimas semanas – diz Joyce.

– Eu sei, eu sei – diz Mervyn. – Digo atenção no sentido romântico da coisa.

– Ah, percebi mal – diz Joyce, e Ron bebe um gole para disfarçar uma gargalhada.

Mervyn é um convidado pouco convencional, mas ultimamente Elizabeth tem aprendido a deixar-se ir com a maré da vida.

Peru recheado, balões e serpentinas, *crackers* e chapéus. Uma boa garrafa de tinto e o que Elizabeth presume serem canções *pop* de Natal como barulho de fundo. Amizades, e Joyce a namoriscar sem sucesso um galês que parece ser vítima de uma burla internacional algo grave. Elizabeth acredita que há formas piores de passar as festas.

– Bom, feliz Boxing Day a todos – diz Ron, erguendo o seu copo. Todos participam no brinde.

– E uma feliz quarta-feira, 26 de dezembro, para ti, Mervyn – acrescenta Ibrahim.

Mitch Maxwell costumava estar a milhas de distância sempre que havia mercadoria a ser descarregada. Porquê arriscar estar no armazém quando as drogas lá estavam? Mas, pelas razões óbvias, esta não era uma mercadoria qualquer. E quanto menos pessoas envolvidas, melhor, dadas as suas atuais circunstâncias. A única vez que parou de tamborilar os dedos foi para roer as unhas. Não está habituado a sentir-se nervoso.

Além disso, hoje é o Boxing Day, e Mitch queria sair de casa. Precisava de sair, na realidade. Os miúdos estavam a portar-se mal, e ele e o sogro tinham andado ao soco por causa de uma discussão sobre onde já tinham visto antes um dos atores do *Chamem a Parteira: Especial de Natal*. O sogro estava agora no Hospital Hemel Hempstead com uma fratura no maxilar. A sua mulher e a sua sogra acham ambas que a culpa é de Mitch, por razões que ele não consegue descortinar, e por isso ele achou que o mais sensato seria manter a distância, e conduzir cento e sessenta quilómetros até East Sussex para supervisionar ele mesmo as operações acabou por se tornar muito conveniente.

Mitch está aqui para se certificar de que uma simples caixa que contém heroína no valor de cem mil libras é descarregada de um camião diretamente do navio. Não é muito dinheiro, mas não era essa a questão.

A mercadoria tinha passado na alfândega. A questão era *essa*.

O armazém fica numa zona industrial, construído aleatoriamente num terreno agrícola a cerca de oito quilómetros da South Coast. Há centenas de anos haveria aqui provavelmente celeiros e estábulos, milho e cevada e trevos, o som dos cascos dos cavalos, e agora há armazéns de chapa ondulada, *Volvos* antigos e janelas partidas, tudo no mesmo enquadramento. As zonas decrépitas da Grã-Bretanha.

Uma vedação alta de metal rodeia todo o terreno para impedir a entrada de meliantes, ao passo que, dentro do perímetro, os verdadeiros vilões entram em ação. O armazém de Mitch apresenta uma placa de alumínio onde se lê SUSSEX LOGISTICS SYSTEMS. Na porta ao lado, noutro hangar amplo, encontra-se a FUTURE TRANSPORT SOLUTIONS LTD, uma fachada para carros de alta cilindrada roubados. À esquerda está um edifício móvel sem qualquer placa na porta, gerido por uma mulher que Mitch ainda não conheceu, mas que aparentemente arranja *ecstasy* e passaportes. No canto mais ao fundo fica o estabelecimento vinícola e armazém da BRAMBER – O MELHOR ESPUMANTE INGLÊS, que Mitch descobriu recentemente ser mesmo um negócio verdadeiro. O irmão e a irmã que o geriam não podiam ser mais simpáticos, e ofereceram a toda a gente uma caixa do seu vinho pelo Natal. Era melhor do que champanhe, e tinha originado, em grande parte, a sua briga com o sogro.

Se os irmãos da Bramber Espumantes suspeitavam que o seu negócio era o único legítimo de todo o recinto, Mitch não sabia dizer, mas não havia dúvida de que uma vez o tinham visto a comprar uma besta na Future Transport Solutions Ltd e nem tinham pestanejado, por isso não representavam perigo. Mitch suspeitava que o negócio do espumante inglês devia dar bom dinheiro e já tinha pensado em investir. Acabara por não avançar, porque o negócio da heroína também dava bom dinheiro, e às vezes era melhor não nos atirmos para fora de pé. Começa agora a reconsiderar, no entanto, com tantos problemas que se têm acumulado.

As portas do armazém estão fechadas e a porta traseira do camião está aberta. Dois homens – bom, um homem e um rapaz, na verdade – estão a descarregar vasos de plantas. O número mínimo de pessoal.

Novamente, devido à situação atual, Mitch já teve de lhes dizer que fossem cuidadosos. Obviamente, a pequena caixa bem escondida entre as paletes é a mercadoria mais importante, mas isso não significa que não possam também ganhar uns trocos com os vasos. Mitch vende-os a centros de jardinagem na região de South East, um negócio legítimo jeitoso. E ninguém há de querer pagar por um vaso rachado.

A heroína está dentro de uma pequena caixa de terracota, que fizeram parecer antiga, como se fosse um velho artigo de jardim em mau estado, para o caso de alguém vir bisbilhotar. Um ornamento vulgar. É o seu truque habitual. Algures numa casa de campo em Helmand, alguém colocou a heroína dentro da caixa e a caixa foi selada. Um elemento da organização de Mitch – tinha calhado a Lenny – tinha estado no Afeganistão para supervisionar tudo, para se certificar de que a heroína era pura e ninguém estava a tentar enganá-los. A caixa de terracota tinha depois chegado às mãos de Lenny na Moldávia, a uma cidade que sabia bem que não se devia meter em assuntos alheios, e ali tinha sido cuidadosamente camuflada entre centenas de vasos e depois levada de carro através da Europa por um homem com cadastro chamado Garry que não tinha muito a perder.

Mitch está no escritório, num mezanino improvisado no fundo do armazém, a coçar uma tatuagem no braço com a inscrição «O Importante É não Desistir»¹. O Everton está a perder 2-0 com o Manchester City, inevitável, mas ainda assim irritante. Uma vez, Mitch tinha sido convidado a juntar-se a um consórcio para comprar o Everton Football Club. Tentador, ser dono de parte do clube de futebol da sua infância, a paixão da sua vida, mas quanto mais Mitch analisava o negócio dos clubes de futebol, mais ele achava, outra vez, que provavelmente deveria ficar-se pela heroína.

Mitch recebe uma mensagem da sua mulher, Kellie.

O pai saiu do hospital. Diz que vai matar-te.

¹ No original, «God Loves a Trier». (N. da T.)

Para muitos, isto seria uma expressão retórica, mas o sogro de Mitch é o líder de um dos maiores gangues de Manchester, e uma vez ofereceu a Mitch uma *taser* das forças policiais como presente de Natal. Por isso, com ele era preciso ter cuidado. Mas não tínhamos todos de ter cuidado com os sogros? Mitch tem a certeza de que vai ficar tudo bem – o seu casamento com Kellie tinha sido o amor que conquistara tudo, o Romeu e Julieta que tinham unido Liverpool e Manchester. Mitch responde à mensagem.

Diz-lhe que lhe comprei um *Range Rover*.

Alguém bate levemente na frágil porta do escritório e o seu braço-direito, Dom Holt, entra.

– Tudo em ordem – diz Dom. – Os vasos foram descarregados, a caixa está no cofre.

– Obrigado, Dom.

– Queres vê-la? É uma coisa horrorosa.

– Não, obrigado, amigo – diz Mitch. – Não me quero chegar mais perto do que isto.

– Vou mandar-te uma foto – diz Dom. – Só para a veres.

– Quando é que vai sair? – Mitch está ciente de que ainda não acabou. Mas a sua principal preocupação havia sido a alfândega. De certeza que agora estavam a salvo. O que mais poderia correr mal?

– Às nove da manhã – diz Dom. – A loja abre às dez. Vou lá mandar o rapaz para a levar.

– Muito bem – diz Mitch. – Para onde vai? Brighton?

Dom anui.

– Uma loja de antiguidades. Um tipo chamado Kuldesch Sharma. Não é nosso costume, mas foi a única que encontrámos aberta. Não deve ser grande problema.

O Manchester City marca o terceiro golo e Mitch estremece. Desliga o *iPad* – não há necessidade de mais aborrecimentos.

– Bem, trata disso, então. É melhor ir andando para casa – diz Mitch.

– Será que o rapaz me pode fanar o *Range Rover* estacionado à porta dos espumantes e conduzi-lo até ao Hertfordshire?

– Sem problema, chefe – diz Dom. – Ele tem quinze anos, mas aquilo conduz-se sozinho. Posso ir eu levar a caixa.

Mitch abandona o armazém por uma saída de emergência. Ninguém o tinha visto para além de Dom e do rapaz, e ele e Dom tinham sido colegas de escola, tinham sido expulsos juntos, na realidade, por isso não havia motivo para preocupação.

Dom tinha-se mudado para a South Coast há dez anos, depois de pegar fogo ao armazém errado, e trata de toda a logística em Newhaven. Muito útil. Também há por aqui boas escolas, por isso Dom está satisfeito. O seu filho acabou de entrar no Royal Ballet. Tudo se ajeitou pelo melhor. Até há uns meses. Mas já estão a tratar do assunto. Desde que nada corra mal desta vez. E, até ver, está tudo OK.

Mitch roda os ombros, preparando-se para a viagem até casa. O seu sogro não deve estar contente, mas vão beber uma caneca de cerveja e ver o filme *Velocidade Furiosa* e tudo ficará bem. É provável que ganhe um olho negro pela confusão que armou – depois do que fez, tem de se sujeitar a levar um soco do homem –, mas o *Range Rover* deverá acalmá-lo.

Uma pequena caixa, cem mil libras de lucro. Bom trabalho para um Boxing Day.

O que acontece depois de amanhã não é da conta de Mitch. O que lhe compete fazer é levar a caixa desde o Afeganistão até à pequena loja de antiguidades em Brighton. Assim que alguém a levantar, o trabalho de Mitch termina. Um homem, talvez uma mulher, quem sabe, irá entrar na loja na manhã seguinte, comprará a caixa e sairá. O conteúdo será verificado e o pagamento entrará imediatamente na conta de Mitch.

E, o mais importante, ele saberá que a sua organização está de novo em segurança. Já se passaram alguns meses. Apreensões nos portos, detenções de motoristas, detenções de moços de recados. É por isso que ele manteve esta operação tão secreta, falando apenas com as pessoas em quem pode confiar. Apalpando o terreno.

A partir de amanhã, ele espera nunca mais ter de voltar a pensar na feia caixa de terracota. Espera poder arrecadar o dinheiro e passar à próxima.

Se Mitch tivesse olhado para a sua esquerda, para além da estrada, enquanto deixava o complexo industrial, teria visto um estafeta de moto estacionado numa berma. E talvez lhe tivesse ocorrido que este era um local invulgar a uma hora invulgar num dia invulgar para aquele homem estar ali estacionado. Mas Mitch não vê o homem, por isso este pensamento não lhe ocorre, e conduz alegremente de volta a casa.

O motociclista permanece onde está.